



25°enancib

Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
Informação, Decolonialidade e Direitos Difusos para o Desenvolvimento Sustentável

3 a 7 de novembro de 2025 – Rio de Janeiro



XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

PANORAMA DOS GRUPOS DE PESQUISA SOBRE GÊNERO NO BRASIL: UM LEVANTAMENTO NO DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DO CNPq

OVERVIEW OF GENDER RESEARCH GROUPS IN BRAZIL: A SURVEY AT CNPq RESEARCH GROUPS DIRECTORY

Andréa Doyle – Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Patrícia Mallmann – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Tatiana Fernandes – Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Luís Cláudio Borges – Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Gilda Olinto – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Modalidade: Trabalho completo

Resumo: Discute gênero na academia, que evidencia o papel e a contribuição de mulheres cientistas, promovendo o debate sobre as desvantagens nas carreiras, na família e em todos os aspectos da vida social. Objetiva mapear os grupos de pesquisa que têm a temática gênero como um dos focos principais. Se constitui em uma pesquisa descritiva e adoção de procedimentos documentais, e que teve como dimensão empírica a coleta e análise de informações no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. O corpus de análise foi composto por 240 grupos com o termo “gênero” no título e o status como “certificado”. Os resultados indicam que: a) os grupos de pesquisa sobre gênero abordam principalmente políticas voltadas aos direitos de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+; b) se concentram nas ciências humanas e sociais; c) estão bem distribuídos no país, porém mais concentrados nas regiões sudeste e nordeste; d) há um crescimento substancial de grupos com essa temática e um interesse por parte de diferentes áreas acadêmicas. Considera-se que este é um campo científico em expansão, com potencial para fortalecer a articulação entre informação e estudos de gênero.

Palavras-chave: estudos de gênero; informação social; grupos de pesquisa.

Abstract: This study discusses gender in academia, highlighting the role and contribution of women scientists, promoting debate on disadvantages in careers, families, and all aspects of social life. It aims to map research groups that have gender as a primary focus. It consists of descriptive research and the adoption of documentary procedures, with its empirical dimension consisting of the collection and analysis of information from the CNPq Research Group Directory. The corpus of analysis consisted of 240 groups with the term "gender" in their title and a "certified" status. The results indicate that: a) gender research groups primarily address policies aimed at the rights of women and LGBTQIAPN+ people; b) they focus on the humanities and social sciences; c) they are well distributed throughout the country, but more concentrated in the Southeast and Northeast regions; d) there is substantial growth in groups focusing on this topic and interest from various academic areas. The study considers this to be a growing scientific field with the potential to strengthen the connection between information and gender studies.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Keywords: gender studies; social information; research groups.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre gênero na academia surge nos anos 1960 (Sardenberg; Minella, 2016) e, desde então, percebe-se que têm colaborado em desnudar o papel e a contribuição de mulheres, promovendo o debate sobre as desvantagens e diferenças nas carreiras, na família e em todos os aspectos da sua vida social. Esse movimento está alinhado às críticas feministas, que desde esse período denunciam o viés androcêntrico das ciências e evidenciam o papel do gênero na produção do conhecimento (Sardenberg; Minella, 2016). Assim, há aumento das discussões sobre a questão de gênero, mobilizadas também pela atuação de movimentos sociais feministas e LGBTQIAPN+, o que se reflete nas mídias audiovisuais e digitais, nas expressões culturais, em aspectos legais, políticos, linguísticos, entre outros (Castro, 2020).

Nesse cenário, se vê o crescimento do interesse acadêmico nas discussões de gênero, em especial nas áreas humanas e sociais. Em 2023, foi criado pelos autores deste artigo o grupo de pesquisa “Informação social e gênero (InfoSGen)”, congregando pesquisadores de Rondônia, Amazonas e Rio de Janeiro, com as linhas de pesquisa: a) identidades de gênero, pensamento crítico e apropriação da informação com perspectivas regionais, grupos minoritários e movimentos sociais; b) ciência, tecnologia e inovação de, com e para todes.

O conceito de informação social tem sido pouco utilizado no Brasil, tendo estado mais no centro das discussões por volta das décadas de 1970 e 1980, quando uma parcela da Biblioteconomia buscava uma aproximação com os movimentos organizados da população (Almeida Júnior, 2015). Contudo, Almeida Júnior (2015, p. 138-139) revela que “novos termos surgiram, impostos por pesquisadores que dominavam a maior parte dos espaços acadêmicos e dos movimentos associativos”, fazendo com que os termos “biblioteca comunitária” e “informação utilitária” tomassem o lugar de “biblioteca popular” e “informação social”.

Já no cenário internacional, o termo permaneceu em ênfase. De forma breve, é possível entender a informação social, no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação (CI), como aquela que não é científica e tecnológica, mas necessária à vida em sociedade, assim como construída no contexto de grupos sociais e culturais, como discutido em alguns artigos atuais de autores de diferentes países, como Suécia, Índia, África do Sul,

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Estados Unidos e China (Huvila, 2021; Marmat, 2022; Ngula, 2024; Scotta; DeLoneb; McLean, 2025; Zhang; Liu; Wang, 2022). Esses trabalhos abordam a informação social em diferentes esferas, como uso das mídias sociais digitais, construção de confiança em marcas de produtos, necessidades informacionais de pessoas com necessidades especiais e grupos de trabalho.

Em relação à produção brasileira, a informação social tem sido estudada no escopo da mediação da informação (Cavalcante, 2016; Chaves; Cavalcante, 2022). Conforme Cavalcante (2016), “a informação social [...] faz parte do processo de comunicação cotidiana que ocorre entre os sujeitos e envolve interações sociais e trocas, fomentadas em situações diversas”. Isso pode ser pensado no contexto de movimentos sociais e grupos comunitários, sejam eles feministas, LGBTQIAPN+ ou de outras ordens. Outro aspecto a partir do qual se tem analisado a informação social é pela visão de Goffman (1963), quando assume a informação como aquela comunicada sobre a identidade social de um indivíduo, através de signos e símbolos, como nos trabalhos de Campos (2013) e Ferreira (2009). Nessa linha, a informação social é construída socioculturalmente por diferentes grupos e comunidades e revelada através da apresentação social da pessoa, seja pela forma de vestir, falar, gesticular ou se comportar.

A compreensão da informação social, seja como parte de processos de interação social ou como elementos de identidade comunicada, é útil para a discussão de gênero na medida em que pode abarcar diversas linhas de investigação. A informação pode ser construída coletivamente com movimentos sociais ou comunitários; para uso cotidiano, como de grupos de mulheres, de pessoas de diversas sexualidades e identidades de gênero; aquela que denota participação, mobilização de recursos e pessoas e que objetiva o protagonismo e a autonomia.

A pesquisa científica se constitui em formato de colaboração entre diferentes sujeitos com diversas *expertises*. O Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), uma das subplataformas da Plataforma Lattes, criado no início da década de 1990, formaliza essa colaboração, unificando e padronizando os grupos de pesquisa científica, tecnológica e artística desenvolvidos no Brasil, se constituindo em um inventário desses grupos (Chiarini; Rapini; Santos, 2024).

De acordo com o censo do DGP de 2023 (Chiarini; Rapini; Santos, 2024), o número de grupos subiu mais de 264% de 2000 para 2023, totalizando 42.852 grupos de pesquisa. Para os autores, essa expansão se deve ao maior engajamento das instituições em atividades de

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

pesquisa, mas também ao fato de existirem incentivos dos organismos de fomento para bolsas concedidas a pesquisadores integrantes de grupos cadastrados no DGP.

Neste sentido, este estudo tem como problema de pesquisa: Quais as características dos grupos de pesquisa sobre gênero, atualmente, em aspectos como que temáticas são desenvolvidas, como têm evoluído ao longo do tempo, que áreas acadêmicas estão envolvidas e qual tem sido a sua penetração no país; será que o interesse pelo tema tende a abranger as diversas regiões do país? A hipótese geral é de que o crescimento e a expansão desses grupos têm sido substanciais, em função do crescimento indubitável da conscientização sobre as questões de gênero no país, como demonstra a produção científica nacional sobre o tema.

Considera-se relevante esse entendimento a fim de se consolidar uma agenda de pesquisa sobre gênero, identificando o momento atual de pesquisa e direcionando o olhar para novos caminhos a serem percorridos. Assim, o objetivo deste trabalho consiste em mapear os grupos de pesquisa que têm a temática gênero como um dos focos principais. Os objetivos específicos envolvem a identificação de: a) temáticas predominantes; b) evolução ao longo do tempo; c) áreas acadêmicas; d) regiões do país.

1.1 Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo, com abordagem quanti-qualitativa e adoção de procedimentos documentais, cuja dimensão empírica envolveu a coleta e análise de informações disponíveis na plataforma DGP. A coleta foi realizada em abril de 2025, por meio da busca por grupos que apresentassem o termo “gênero” em seus nomes e estivessem com o status “certificado”. A plataforma foi considerada representativa da institucionalização dos grupos por reunir dados como descrição, identificação da instituição, composição da equipe (incluindo líderes), além dos temas trabalhados e repercussões acadêmicas.

Após a exclusão dos grupos não certificados, o corpus da análise ficou composto por 240 grupos de pesquisa, distribuídos entre os anos de 1983 e 2024. Os dados foram sistematizados em uma planilha no software Excel (versão 2507 Build 16.0.19029.2013), e cada espelho de grupo foi verificado individualmente, com o objetivo de complementar e/ou corrigir informações. As análises se basearam em explorar as seguintes variáveis: região do país, ano de criação, área e subárea do conhecimento, estas a partir da criação de gráficos e tabelas pelo Excel; e temáticas desenvolvidas pelos grupos, a partir da elaboração de uma

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

nuvem de palavras via Google Cloud com termos significativos dos nomes dos grupos. No que tange às limitações metodológicas, observou-se que os dados do DGP não são atualizados constantemente, o que dificulta a identificação de grupos que foram criados recentemente.

2 GÊNERO, CIÊNCIA E GRUPOS DE PESQUISA

Os estudos de gênero e identidades sociais oferecem destacadas contribuições para a compreensão das configurações socioculturais, políticas e econômicas que atravessam os campos da ciência, da informação e das tecnologias. Nesta seção, são discutidas as relações entre gênero e ciência, enfatizando os processos de construção, representação identitária e a questão da diversidade em contextos informacionais diversos.

2.1 Estudos de gênero e formação de grupos de pesquisa

A partir de meados do século passado, multiplicam-se pesquisas que estruturam os estudos de gênero, como as de Donna Haraway (1997), Joan Scott (1995), Kimberle Crenshaw (1989) e, no Brasil, as de Heleieth Saffioti (1969). Haraway (1997) entende que o olhar parcial, do qual as mulheres eram acusadas, é uma constância na ciência pois somente podemos aprender, observar e concluir com nosso corpo, nossa cultura, nossas experiências. Homens também produzem saberes parciais, localizados em seus corpos de homens e usam seu poder para estabelecer esse olhar como universal. Scott (1995) detalha o interesse do termo gênero para se diferenciar do sexo biológico e se referir à organização social da relação entre os sexos, especialmente para tratar das persistentes desigualdades entre eles. Ela entende que gênero deve ser considerado uma categoria analítica para entender a forma como ele “[...] dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico” (Scott, 1995, p. 74).

Na mesma época, Crenshaw (1989) cunha o termo interseccionalidade para dar conta das mulheres negras que sofrem exclusão tanto nos estudos de gênero (brancos) quanto nos étnico-raciais (masculinos), ficando duplamente marginalizadas. No Brasil, os estudos pioneiros de Saffioti (1969) focalizam o papel da mulher no mercado de trabalho, investigando empregadas domésticas, professoras primárias e costureiras. Ela interliga as questões de patriarcado, racismo e capitalismo, entendendo esses sistemas como múltiplas determinações de opressão (Saffioti, 1987), o que dialoga com a interseccionalidade.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

“Os estudos sobre mulher e gênero no Brasil estão historicamente presentes nas universidades por meio dos grupos de pesquisas, pelas produções científicas e na presença nos movimentos sociais” (Marinho *et al.* 2023, p. 90). As autoras destacam que cresce o interesse pelo tema nos anos 1990, especialmente por acadêmicas feministas que criaram grupos de pesquisa e os primeiros periódicos voltados a estudos de gênero: a Revista Estudos Feministas e o Cadernos Pagu. Elas consideram também que o grupo de pesquisa pioneiro foi o Núcleo de Estudos sobre a Mulher, fundado no fim de 1980, no Rio de Janeiro.

Na CI, a pesquisa de gênero tem sido feita em grupos com outros focos, com destaque para os estudos métricos de Leta e Olinto (Leta *et al.*, 2013; Olinto; Leta, 2014). Nos últimos anos, aparecem grupos de pesquisa mais voltados para o estudo de gênero e interseccionalidades, como o Grupo de Estudos e Pesquisas em Mediação e Representação da Informação e os Marcadores Sociais da Diferença (GeMinas), criado em 2020 na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Destaca-se a criação, em 2023, do grupo InfoSGen para investigar as relações entre marcadores sociais de gênero e as formas pelas quais os diferentes grupos sociais acessam, usam, se apropriam, produzem, representam e compartilham informações sociais; como essa relação afeta o desenvolvimento de competências em informação, do pensamento crítico e da participação social; e como as habilidades informacionais, midiáticas e tecnológicas podem fomentar a autoestima, o sentimento de pertencimento e participação ativa das pessoas em grupos e comunidades, especialmente aqueles historicamente minorizados. Busca pesquisar, também, exclusões sociais históricas, com foco em gênero, como a pouca representatividade de mulheres, pessoas não-brancas e outros grupos minorizados nas ciências, buscando compreender barreiras, visibilizar realizações e estimular a equidade de oportunidades. A criação do grupo motivou esta pesquisa, a fim de entender o campo em que se insere.

2.2 Gênero, identidades e diversidade

O debate contemporâneo sobre gênero e identidades sociais considera as múltiplas dimensões das desigualdades e marcadores sociais que estruturam a vida em sociedade. Ao considerar as intersecções de gênero, raça, etnia, classe, sexualidade, geração, entre outros, busca-se questionar e compreender as relações de poder, as desigualdades estruturais e os mecanismos de exclusão que atravessam as relações sociais (Mariano; Macêdo, 2015).

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Santos (2018) sugere que o pensamento decolonial pode contribuir com os estudos de gênero e ciência, oferecendo uma abordagem crítica às estruturas dominantes de produção do conhecimento. A autora argumenta que a crítica feminista à ciência deve incorporar uma análise integrada das relações étnico-raciais, econômicas e epistemológicas defendendo a “desobediência epistêmica” enquanto postura necessária para questionar as normas estabelecidas nos espaços acadêmicos e na produção científica.

Salister-Gomes, Quantrin-Casarin e Duarte (2019) argumentam que a teoria feminista tem proposto um posicionamento científico crítico e engajado, baseado na concepção do saber localizado de Haraway. Essa abordagem teórica oferece ferramentas de análise para um entendimento mais profundo das relações sociais, problematizando supostas neutralidades e propondo alternativas inclusivas e emancipatórias para produção do conhecimento científico.

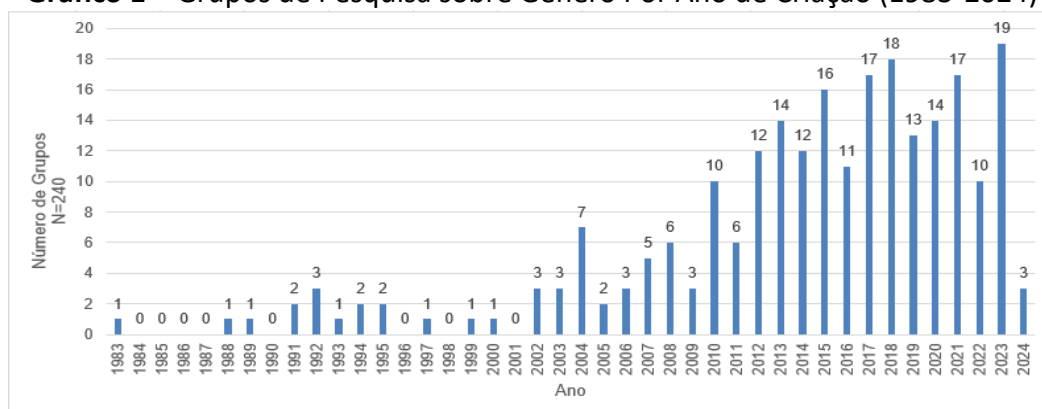
Na CI, a incorporação da perspectiva de gênero articulada a outras categorias de análise, como classe, raça, sexualidade, geração, entre outros marcadores sociais, tem sido importante para o avanço dos estudos da informação. Para Passos, Nunes e Cavalcante (2023), o crescimento dos trabalhos voltados ao contexto social, aos indivíduos e suas práticas, muitos destes sendo grupos antes marginalizados, suscitaram a criação do “GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades” no Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB). Eles analisaram 31 trabalhos do GT, que revelaram uma diversidade de perspectivas, estudos e pesquisas sobre minorias na CI, configurando o GT como um espaço efetivo para discussões sobre identidades e grupos marginalizados no campo científico, abordando questões sociais e acadêmicas.

3 GRUPOS DE PESQUISA SOBRE GÊNERO NO DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA (DGP) DO CNPq

As questões levantadas neste estudo referem-se às características básicas desses grupos de pesquisa sobre gênero. Se iniciam as análises na elaboração da figura 1: uma nuvem das palavras que reflete os termos significativos a partir do nome dos grupos de pesquisa sobre gênero. Foram excluídas palavras gerais, como “estudo”, “pesquisa” e “grupo”.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Gráfico 1 – Grupos de Pesquisa sobre Gênero Por Ano de Criação (1983-2024)



Fonte: Elaboração própria (2025).

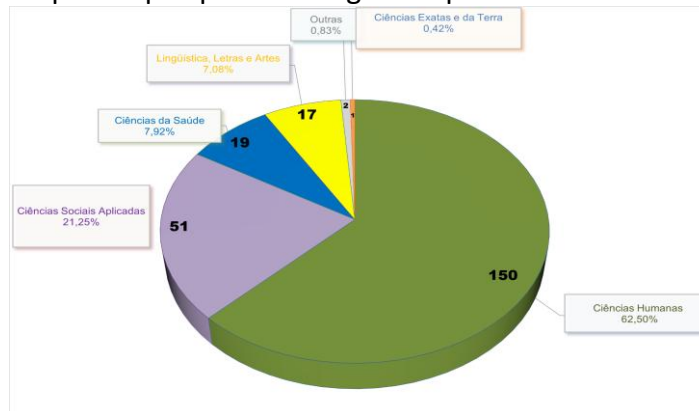
Os dados do Gráfico 1 mostram que em 1983 se registrou o primeiro grupo de pesquisa sobre gênero no DGP¹. Mostram também o crescimento expressivo a partir de 2004; mas é sobretudo a partir de 2010 que o crescimento, embora oscilante, mostra-se forte; somente no ano de 2023 registraram-se 19 grupos. Embora no ano de 2024 tenha havido poucos registros, fica evidente que houve substancial tendência de crescimento dos grupos a partir do ano 2000, notadamente a partir de 2010. Os grupos de gênero passaram de 13 até o ano 2000, para 237 até 2023, ou seja, um crescimento de quase 2.000%, muito acima da taxa de 264% de crescimento geral dos grupos (Chiarini; Rapini; Santos, 2024).

Os próximos dois gráficos mostram como se distribuem os grupos de pesquisa sobre gênero no DGP por área acadêmica e nas regiões do país. O interesse desses dados é de verificar, em primeiro lugar, o quanto esses estudos mobilizam as diferentes áreas, implicando em interdisciplinaridade, um aspecto relevante dos estudos de gênero. Outro interesse é o de identificar se esses estudos estão presentes nas diversas regiões do país, o que indicaria abrangência nacional e maior chance de que os problemas de gênero estejam sendo abordados sob várias perspectivas. Além disso, cada região do país traz características e problemas específicos que contribuem para os estudos de gênero, em geral. Como se observa em literatura, é focalizando o que se passa nas pequenas localidades, os problemas dos indivíduos nas suas vidas diárias, que se atinge os problemas humanos mais abrangentes.

¹ Primeiro grupo dentre os que ainda estão em funcionamento, com o status de “grupo certificado”.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

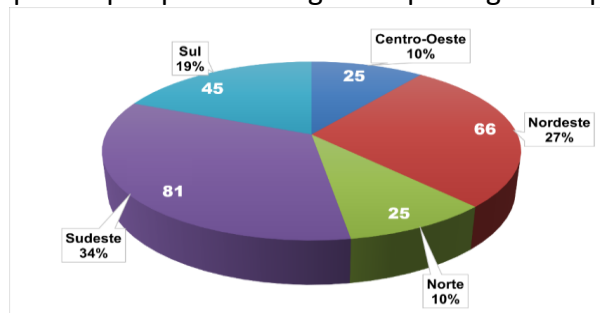
Gráfico 2 – Grupos de pesquisa sobre gênero por área acadêmica (1983-2024)



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Com relação à distribuição por área acadêmica (Gráfico 2), pode-se ver, claramente, a grande predominância das áreas humanas, que concentra 62,50% dos grupos. A área das ciências sociais aplicadas também mostra presença marcante, com 21,25%, sendo bem menor a presença das demais áreas, como a da saúde e linguística, letras e artes.

Gráfico 3 – Grupos de pesquisa sobre gênero por região do país (1983-2024)



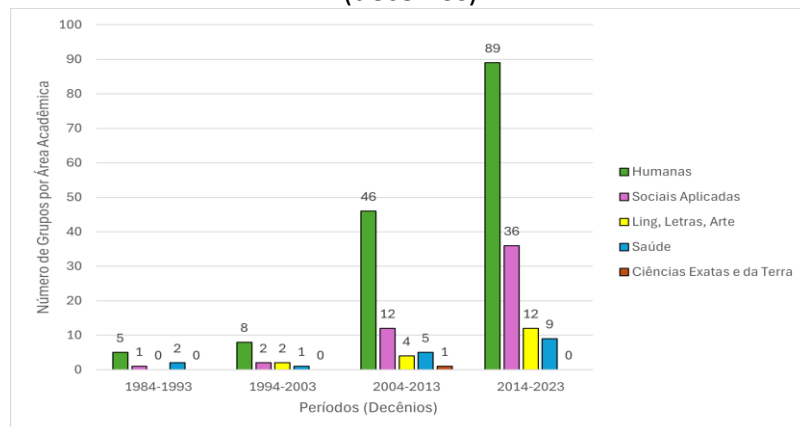
Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Quando se focaliza a distribuição regional (Gráfico 3) vê-se que, conforme esperado, a região sudeste sobressai com o maior número de grupos (34%), pois aí concentram-se as maiores universidades. Entretanto, surpreende os estudos no nordeste também sobressair em quantidade, próxima a do sudeste (27%). Se reunirmos as regiões menos desenvolvidas do país, norte e nordeste, sua presença nos estudos de gênero é de 37%, superando o sudeste.

Os Gráficos 4 e 5 buscam identificar como têm evoluído os grupos sobre gênero considerando os mesmos aspectos: áreas acadêmicas e regiões do país. Busca-se identificar se há uma tendência de absorver novas áreas acadêmicas e regiões do país, ou seja, se o interesse por esses estudos têm mudado de perfil acadêmico e regional ao longo do tempo.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

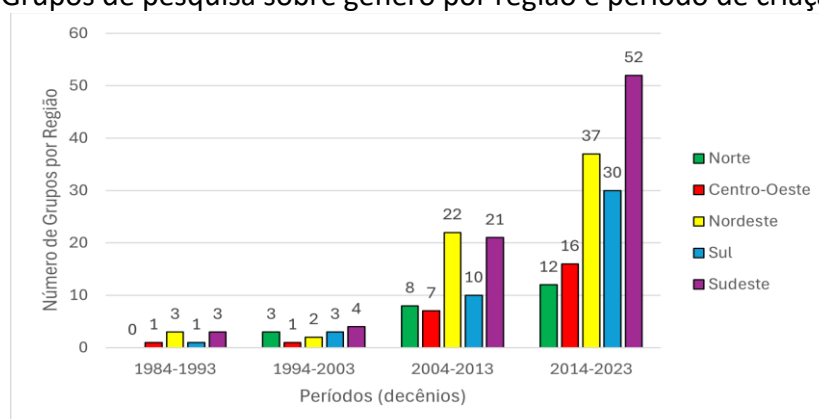
Gráfico 4 – Grupo de pesquisa sobre gênero por áreas acadêmicas e período de criação (decênios)



Fonte: Elaboração própria (2025).

Conforme esperado pelos resultados apresentados anteriormente, é no último decênio que se observa o maior crescimento dos grupos de gênero, tanto nas diferentes áreas acadêmicas quanto nas regiões do país. O Gráfico 4 também revela que, com exceção das áreas exatas, as demais áreas mostram crescimento marcante. As áreas já predominantes – humanas e sociais aplicadas –, passam a aproximadamente o dobro em relação ao decênio anterior. As áreas de saúde e língua/literatura também crescem em alta proporção, mas ainda com tímida presença numérica. Surpreende especialmente a baixa participação dos estudos de gênero na área da saúde: apenas 19 grupos entre os 240 identificados.

Gráfico 5 – Grupos de pesquisa sobre gênero por região e período de criação (decênios)



Fonte: Elaboração própria (2025).

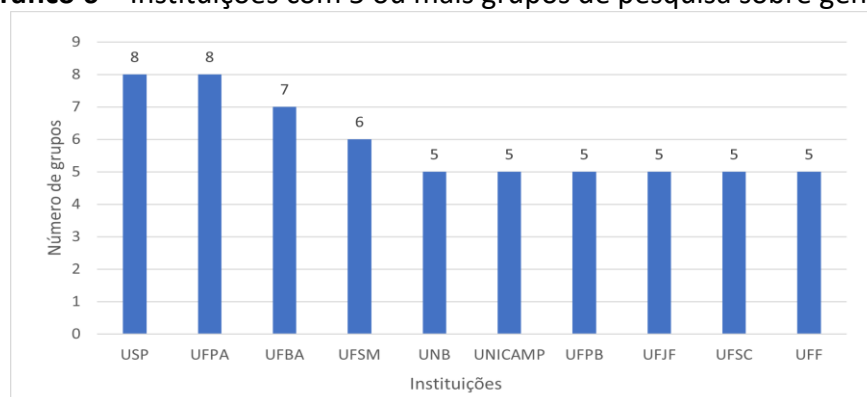
O Gráfico 5 indica crescimento substancial em todas as regiões ao longo do tempo, notadamente no último decênio. O protagonismo da região sudeste é notório: é a região com o maior número de grupos de pesquisa de gênero neste último decênio. Destaca-se também

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

o fato de que as regiões mais desenvolvidas são as que mostram maior crescimento, mais do que dobrando o número de grupos entre os dois últimos decênios. O nordeste continua se destacando em número de grupos, mas deixa a posição de liderança que obteve no penúltimo decênio, quando chegou a superar o sudeste.

O Gráfico 6 revela as instituições que possuem cinco ou mais grupos de pesquisa sobre gênero entre as 122 identificadas na população de 240 grupos no período de 1983 a 2024.

Gráfico 6 – Instituições com 5 ou mais grupos de pesquisa sobre gênero



Fonte: Elaboração própria (2025).

Conforme a expectativa, grandes instituições públicas brasileiras estão representadas, como Universidade de São Paulo (USP) e várias universidades federais. Entretanto, o gráfico traz surpresas, como o destaque da Universidade Federal do Pará (UFPA) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no segundo e terceiro lugares em número de grupos. São provavelmente essas instituições as responsáveis pelo destaque do nordeste em número de grupos de gênero. Sobressai também a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no interior do Rio Grande do Sul. Esses resultados sugerem que deve haver um esforço institucional específico, além de um ambiente culturalmente favorável à criação dos grupos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho mobiliza gênero como um conceito importante para as análises das relações sociais de poder, opressão e exclusão, além de uma força motriz para movimentos sociais. Estudos de gênero podem ser considerados um dos destaques da informação social, pois focalizam a informação construída coletivamente, no cotidiano, com objetivo de protagonismo e autonomia de pessoas de diversas sexualidades e identidades de gênero.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

O levantamento dos grupos de pesquisa sobre gênero mostrou que eles abordam principalmente políticas voltadas aos direitos das mulheres, assim como de pessoas LGBTQIAPN+, que se concentram nas ciências humanas e sociais, estão bem distribuídos no país, porém mais concentrados no sudeste e nordeste. Os dados indicam também que tem havido um crescimento substancial desses grupos, além do interesse pelo tema por parte de diferentes áreas acadêmicas. O protagonismo da região nordeste, e de algumas instituições específicas, sugere que o crescimento dessas pesquisas, fundamentais para a diminuição das desigualdades e aumento de oportunidades das mulheres e das pessoas LGBTQIAPN+, dependem também de incentivos e valorização por parte das instituições envolvidas.

Como limitações do estudo, pode-se considerar que existem grupos que estudam relações de gênero mas não contêm o termo no título, além daqueles que não são registrados ou ainda estão em processo de registro no DGP e que, portanto, não fizeram parte do levantamento. Como desdobramentos desta pesquisa, indica-se o estudo das repercussões indicadas pelos grupos e um aprofundamento das abordagens e temáticas tratadas por eles.

Esta iniciativa demonstra um esforço em contribuir com o diálogo entre questões contemporâneas da informação e movimentos sociais, rumo à consolidação de uma CI mais diversa e engajada com a transformação e a participação social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Conservadorismo e revolução (ou reformismo) na Biblioteconomia e na Ciência da Informação. **Divers@**, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 132-144, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/diver.v8i2.45052>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CAMPOS, Luiz Fernando de Barros. A informação social. **Transinformação**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 151-157, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/236152>. Acesso em: 8 maio 2025.

CASTRO, Priscila Rodrigues de. As lutas feministas e sua articulação pelas mídias digitais: percepções críticas. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 459-469, set./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p459>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Da leitura de mundo à leitura da palavra: a mediação da informação social à luz das teorias de Paulo Freire. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: UFBA, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/189753>. Acesso em: 8 maio 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

CHAVES, Italo Teixeira; CAVALCANTE, Eugênia Cavalcante. Informação social, mediação da informação e museus virtuais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/216958>. Acesso em: 8 maio 2025.

CHIARINI, Tulio; RAPINI, Márcia Siqueira; SANTOS, Gomes dos Santos. **Revelando tendências: análise dos resultados do censo dos grupos de pesquisa de 2023**. Brasília, DF: Ipea, 2024. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/14501/1/NT_136_Diset_Revelando_tendencias.pdf. Acesso em: 8 maio 2025.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Apresentação**. Brasília, DF: CNPq, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/institucional>. Acesso em: 8 maio 2025.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Grupo de pesquisa. **Glossário**. Brasília, DF: CNPq, [202-]. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp/glossario>. Acesso em: 8 maio 2025.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8/>. Acesso em: 8 maio 2025.

GOFFMAN, Erving. **Stigma; Notes on the Management of Spoiled Identity**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1963.

FERREIRA, Rubens da Silva. A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 38, n. 2, p. 35-45, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/19906>. Acesso em: 8 maio 2025.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 6 maio 2025.

HUVILA, Isto. Monstrous hybridity of social information technologies. **The Information Society**, [S. l.], v. 37, n. 1, p. 46-59, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01972243.2020.1830211>. Acesso em: 6 maio 2025.

KOVALESKI, Nádia Veronique Jourda; TORTATO, Cintia Souza Batista; DE CARVALHO, Marília Gomes. As relações de gênero na história das ciências. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 9-26, 2013. Disponível em:

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

<https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/5047>. Acesso em: 6 maio 2025.

LETA, Jacqueline; OLINTO, Gilda; BATISTA, Pablo Diniz; BORGES, Elinielle Pinto. Gender and academic roles in Graduate programs. *In: INTERNATIONAL SOCIETY OF SCIENTOMETRICS AND INFORMETRICS CONFERENCE*, 14., 2013, Viena. **Anais eletrônicos** [...]. Viena: Facultas, 2013. p. 796-810. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/494>. Acesso em: 19 maio 2025.

MARIANO, Silvana Aparecida; MACÊDO, Márcia dos Santos. Desigualdades e interseccionalidades. **Mediações**: Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 20, n. 2, p. 11-26, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n2p11>. Acesso em: 19 maio 2025.

MARINHO, Caroline da Silva; CAVALCANTE, Geisa Fabiane Ferreira; VIANA, Anna Raquel de Lemos; LIMA, Izabel França de. Estudos sobre mulher e gênero na Ciência da Informação. **Revista Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 9, n. 2, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.56837/fr.2023.v9.n2.975>. Acesso em: 6 maio 2025.

MARMAT, Geeta. Online brand communication and building brand trust. **Global Knowledge, Memory and Communication**, [s. l.], v. 71, n. 6/7, p. 584-604, jul. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/GKMC-12-2020-0195>. Acesso em: 20 ago. 2025.

NGULA, Anna. The social information needs of people with albinism (PWA): a case study of Khomas region, Namibia. **Information Development**, [S. l.], v. 40, n. 3, p. 429-441, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/02666669221141097>. Acesso em: 20 ago. 2025.

OLINTO, Gilda; LETA, Jacqueline. Gênero, geração e tarefas acadêmicas: investigando os docentes-pesquisadores dos programas de pós-graduação brasileiros, 4., 2014, Recife. *In: ENCONTRO BRASILEIRO DE BIBLIOMETRIA E CIENTOMETRIA*. **Anais** [...]. Brasília, DF: UnB: IBICT, 2014. p. 1-7. Disponível em: <https://ebbc.inf.br/ojs/index.php/ebbc/article/view/864>. Acesso em: 21 maio 2025.

PASSO, Leandra Alencar Soares Lima de; NUNES, Jefferson Veras; CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Pela visibilidade das minorias: análise da produção científica da primeira edição do GT-12 no Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação de 2022. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 23., 2023, Aracaju. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: Ancib, 2023. Disponível em: <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/viewFile/1754/1176>. Acesso em: 22 maio 2025.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

SANTOS, Vívian Matias dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia & Sociedade**, [S. l.], v. 30, p. 1-11, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30200112>. Acesso em: 21 maio 2025.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar; MINELLA, Luzinete Simões. Apresentação. In: SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar; MINELLA, Luzinete Simões (org.). **Gênero e ciências: mulheres em novos campos**. Salvador: Edufba/Neim, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30346/1/genero-e-ciencias-repositorio.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SELISTER-GOMES, Mariana; QUATRIN CASARIN, Eduarda; DUARTE, Giovana. O conhecimento situado e a pesquisa-ação como metodologias feministas e decoloniais. **Revista CS**, [S. l.] n. 29, p. 47-72, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18046/recs.i29.3186>. Acesso em: 20 maio 2025.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 6 maio 2025.

SCOTTA, Murray; DELONEB, William; MCLEAN, Ephraim. Measuring the success of social information systems: an assessment of past contributions and a guide for future research. **European Journal of Information Systems**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 346–366, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0960085X.2025.2452900>. Acesso em: 8 maio 2025.

ZHANG, Shuqin; HUANG, Qian; LIU, Hefu; WANG, Youying. Team social media usage and intra-team competition and cooperation. **Information Technology & People**, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 410-434, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/ITP-02-2020-0058>. Acesso em: 8 maio 2025.